
ἄρχαί

AS ORIGENS DO PENSAMENTO OCIDENTAL
THE ORIGINS OF WESTERN THOUGHT

ARTIGO

Opiniões, argumentos e o persuasivo (*pithanon*) em Epicteto

Opinions, Arguments, and the Persuasive (*pithanon*) in
Epictetus

Aldo Dinucci ⁱ

<https://orcid.org/0000-0002-5854-4057>
aldodinucci@gmail.com

Kelli Rudolph ⁱⁱ

<https://orcid.org/0000-0002-0008-7818>
k.c.rudolph@kent.ac.uk

ⁱ Universidade Federal do Espírito Santo – Vitória – ES – Brasil

ⁱⁱ University of Kent – Canterbury – Reino Unido

DINUCCI, A.; RUDOLPH, K. (2025). Opiniões, argumentos e o persuasivo (*pithanon*) em Epicteto. *Archai* 36, e03601.

Resumo: Epicteto segue a ortodoxia estoica – e a própria definição de Zenão – ao enfatizar a importância da lógica para detectar sofismas. Ele chega a afirmar que é uma virtude que engloba quatro outras: cuidado, cautela, irrefutabilidade e seriedade. Neste artigo argumentamos que o interesse de Epicteto no teste de representações se estende também a premissas e argumentos. O filósofo deve compreender as consequências do que foi concedido, oferecer demonstrações válidas, acompanhar as demonstrações dos seus interlocutores e, em última análise, ser capaz de detectar sofismas. Esses sofismas, bem como as premissas e argumentos a eles relacionados, são frequentemente caracterizados por Epicteto como persuasivos (*pithanon*). Argumentamos que o que ele quer dizer com isto é que os sofismas e os seus componentes são enganosos, muitas vezes deliberadamente. Para fazer tal juízo, entretanto, o filósofo deve dominar a dialética estoica e o estudo dos sofismas.

Palavras-chave: Lógica estoica; sofismas; estoicismo; Epicteto.

Abstract: Epictetus follows Stoic orthodoxy – and Zeno’s own definition – by emphasizing the importance of logic in detecting sophisms. He goes so far as to assert that it is a virtue that subsumes four others: carefulness, caution, irrefutability and seriousness. In this paper, we argue that Epictetus’ interest in the testing of presentations extends also to premises and arguments. We demonstrate how Epictetus, following Chrysippus, creates a systematic approach to understanding sophisms/arguments. The philosopher must understand the consequences of what has been granted, offer valid demonstrations, follow the demonstrations of his interlocutors, and ultimately be able to detect sophisms. These sophisms, as well as the premises and arguments connected with them, are often characterized by Epictetus as *pithanon*. We argue that what he means by this is that the sophisms and their components are deceptive, often deliberately so. To make such a judgement, however, the philosopher must master Stoic dialectics and the study of sophisms.

Keywords: Stoic Logic; sophisms; Stoicism; Epictetus.

Na primeira seção deste artigo, investigamos o teste de representações de Epicteto, que é, para o nosso estoico, a tarefa mais importante do filósofo, implicando a reavaliação de suas opiniões a fim de retirar o assentimento dado às falsas e suspender o erroneamente concedido às incertas, salvaguardando assim a capacidade de escolha. Na sequência, investigamos o uso prático da lógica em Epicteto, apontando para o fato de que uma das grandes preocupações de Epicteto é a atitude que o filósofo deve ter diante de sofismas, enfatizando que nosso filósofo segue, neste ponto, fielmente a ortodoxia estoica, segundo a qual o estudo da lógica resulta em certas virtudes específicas. Na seção seguinte, investigamos a noção de “persuasivo” (*pithanon*) aplicada a temas lógicos em Epicteto, salientando que nosso estoico é estritamente ortodoxo nesse quesito, acompanhando as reflexões de Crisipo sobre a suspensão de juízo diante de paradoxos como o *Mentiroso* e o *Sorites*. Por fim, constatamos que a noção de *pithanon* (“persuasivo”), quando relativa a premissas e argumentos, ocorre, em nosso filósofo, sempre em conexão com sofismas, significando algo enganador, seguindo também aqui a ortodoxia do Pórtico.

O teste de representações

Para¹ Epicteto, a primeira e a mais importante tarefa do filósofo consiste em avaliar todas as representações,² não deixando nenhuma

¹ Agradecemos à Academia Britânica e ao CNPq por financiar essa pesquisa. Agradecemos à André Capistrano e Danilo Patutti, ambos doutorandos pela UnB e pesquisadores de Epicteto, por terem realizado cuidadosa revisão do manuscrito desse artigo.

² A noção de *phantasia* (que traduzimos por “representação”) é de fundamental importância para a compreensão da filosofia estoica em questões lógicas, epistemológicas e éticas. Embora Cleanthes e Crisipo considerem a *phantasia* uma modificação da capacidade racional, eles diferem na explicação dessa mudança. Para Lesses (1998, p. 6), Crisipo parece criticar Cleanthes por aceitar uma concepção ingênua de *phantasia* mental, segundo a qual *phantasiai* perceptivas são cópias de qualidades de objetos representados (cf. D.L. 7.50.4). Além disso, Annas (1991, p. 74-75) entende que se supõe, nas observações de Crisipo, que as *phantasiai* são articuladas em forma proposicional ou linguística. Assim, a concepção de *phantasia* de Crisipo tem dois lados: por um lado, uma corpórea, pois é uma

delas passar sem teste.³ Em Epict. *Diss.* 2.8.21, depois de dizer que Deus⁴ nos deu, entre outras faculdades, a capacidade de “usar as representações e a capacidade de testá-las” (ou seja, a razão), alertamos que, se não utilizarmos esta capacidade dada por Deus, estaríamos desonrando-o. Neste contexto, Epicteto faz repetidamente a seguinte analogia entre testar representações e testar moedas:

[T1] Epicteto, *Diss.* 1.20.7-9:

διὰ τοῦτο ἔργον τοῦ φιλοσόφου τὸ μέγιστον καὶ πρῶτον δοκιμάζειν τὰς φαντασίας καὶ διακρίνειν καὶ μηδεμίαν ἀδοκίμαστον προσφέρεισθαι. ὁρᾶτε ἐπὶ τοῦ νομίσματος, ὅπου δοκεῖ τι εἶναι πρὸς ἡμᾶς, πῶς καὶ τέχνην ἐξευρήκαμεν καὶ ὅσοις ὁ ἀργυρογνῶμων προσχρῆται πρὸς δοκιμασίαν τοῦ νομίσματος, τῇ ὄψει, τῇ ἀφῆ, τῇ ὀσφρασίᾳ, τὰ τελευταῖα τῇ ἀκοῇ· ῥήξας τὸ δηνᾶριον τῷ ψόφῳ προσέχει καὶ οὐχ ἅπαξ ἀρκεῖται ψοφήσαντος, ἀλλ' ὑπὸ τῆς πολλῆς προσοχῆς μουσικὸς γίνεται. Οὕτως ὅπου διαφέρειν οἴομεθα τὸ πλανᾶσθαι τοῦ μὴ πλανᾶσθαι, ἐνταῦθα πολλὴν προσοχὴν εἰσφέρομεν εἰς διάκρισιν τῶν διαπλανᾶν δυναμένων.

Por esta razão, o principal e o primeiro trabalho de um filósofo é examinar as representações, distingui-las e não admitir nenhuma sem exame. Vês até mesmo na questão da moeda, na qual nosso interesse parece se concentrar, como inventamos uma arte e quantos meios o avaliador usa para testar o valor da moeda, a visão, o tato, o cheiro e, por último, a audição. Ele joga

modificação da capacidade racional (cf. D.L. 7.49 e S.E. *M.* 8.56), por outro lado, uma incorpórea, pois essa modificação está associada a um *axioma* que descreve e avalia o que afeta a capacidade racional (cf. Lesses, 1998, p. 6; D.L., 7.50.4; 7.65). Essa dualidade é expressa por Crisipo através de sua analogia entre *phantasia* e luz: assim como a luz se mostra e as coisas iluminadas, também a *phantasia* mostra a si mesma e a coisa que a produziu (cf. Aécio, 4.12.1-5). Sobre o *axioma*, o equivalente estoico da proposição da lógica contemporânea, e premissas e argumentos no estoicismo, ver abaixo.

³ Epic. *Diss.* 1.20.7: διὰ τοῦτο ἔργον τοῦ φιλοσόφου τὸ μέγιστον καὶ πρῶτον δοκιμάζειν τὰς φαντασίας καὶ διακρίνειν καὶ μηδεμίαν ἀδοκίμαστον προσφέρεισθαι. Ver também Epic. *Diss.* 1.8.21.

⁴ Epicteto se refere ao *Logos* que governa o Cosmos às vezes como Deus, às vezes como Deuses, às vezes como Zeus.

a moeda no chão e escuta o som produzido, e não se contenta com o som uma vez, mas, por meio de grande atenção aplicada, ele se torna um músico. Da mesma forma, quando pensamos que estar enganado e não estar enganado faz uma grande diferença, aplicamos grande atenção à descoberta das coisas que podem enganar.⁵

Opinião (*dogma*) é em Epicteto um conceito genérico relativo a qualquer tipo de crença assentida pela razão, seja ela correta ou incorreta, filosófica ou não. Epicteto não utiliza o conceito estoico de *axioma*,⁶ mas refere-se à divisão entre boas (ou certas) e más (ou erradas) opiniões (*dogmata*), que estão em estreita relação com boas e más ações, como destaca em Epict. *Diss.* 3.9.2: “Se possuíres opiniões corretas, te sairás bem; mas se forem falsas, ficarás doente,” já que “para todo ser humano a causa de sua ação é uma opinião.”⁷ Além disso, como só as boas opiniões podem tornar um ser humano seguro e inexpugnável, elas conferem segurança.⁸ Opiniões ruins ou erradas, porém, são causa de inquietação e perturbação da alma humana, como aponta Epicteto no *Encheiridion*:

[T2] Epicteto, *Ench.* 5:

⁵ Ver também Epict. *Diss.* 1.7.6-8; 2.3.2.

⁶ O equivalente estoico da proposição da lógica contemporânea. Sexto nos informa sobre a definição estoica de *axioma*, que traduzimos por “asserível”: “um dito autocompleto que é por si mesmo declaratório” (καὶ τὸ μὲν ἀξιωμα φασιν εἶναι λεκτὸν αὐτοτελὲς ἀποφαντὸν ὅσον ἐφ’ ἑαυτῷ S.E. P. 2.104; ver também D.L. 7.65.4-5; Gell. 16.8). Para os estoicos, os *axiomata* são as únicas entidades primariamente verdadeiras ou falsas, sendo verdadeiras quando são o caso e falsas no caso contrário. Como Sexto enfatiza, “o asserível verdadeiro é aquele que é o caso (*to hyparchei*) e é contraditório a algo, isto é, a outro asserível, e o falso asserível é aquele que não é o caso (*ouk to hyparchei*) e é contraditório a algo” (ἀληθὲς γὰρ ἐστὶ κατ’ αὐτοῦς τὸ ὑπάρχον καὶ ἀντικείμενόν τι, καὶ ψεῦδος τὸ μὴ ὑπάρχον καὶ ἀντικείμενόν τι - Sext. *Emp. Math.* 8:10; 85; 88). Em outras palavras, uma afirmação expressa por uma sentença é verdadeira quando corresponde a um estado de coisas ou à realidade. Caso contrário, é falsa. Ver também S.E. M. 8.85; 8.88; D.L. 7.65.

⁷ Epict. *Diss.* 3.9.3.1.

⁸ Epict. *Diss.* 4.5.26.

Ταράσσει τοὺς ἀνθρώπους οὐ τὰ πράγματα, ἀλλὰ τὰ περὶ τῶν πραγμάτων δόγματα· οἷον ὁ θάνατος οὐδὲν δεινόν (ἐπεὶ καὶ Σωκράτει ἂν ἐφαίνετο), ἀλλὰ τὸ δόγμα τὸ περὶ τοῦ θανάτου, διότι δεινόν, ἐκεῖνο τὸ δεινόν ἐστίν. ὅταν οὖν ἐμποδιζώμεθα ἢ ταρασσώμεθα ἢ λυπώμεθα, μηδέποτε ἄλλον αἰτιώμεθα, ἀλλ' ἑαυτούς, τοῦτ' ἔστι τὰ ἑαυτῶν δόγματα.

As coisas não inquietam os humanos, mas as opiniões sobre as coisas [*ta pragmata*]. Por exemplo: a morte nada tem de terrível, ou também a Sócrates teria se afigurado assim, mas é a opinião [*dogma*] a respeito da morte – de que ela é terrível – que é terrível. Então, quando se nos apresentarem entraves, ou nos inquietarmos, ou nos afligirmos, jamais consideremos outra coisa a causa, senão nós mesmos – isto é: as nossas próprias opiniões [*to dogmata*].⁹

O sentido da passagem é claro: o que causa problemas não é a coisa externa, mas a opinião (*dogma*) assentida sobre a coisa externa (como sendo algo bom ou ruim), uma vez que opiniões equivocadas são causa de dificuldades e inquietude na alma.

Ainda no *Encheiridion*, Epicteto expressa a mesma posição em relação às ofensas:

[T3] Epicteto, *Ench.* 20:

Μέμνησο, ὅτι οὐχ ὁ λοιδορῶν ἢ ὁ τύπτων ὑβρίζει, ἀλλὰ τὸ δόγμα τὸ περὶ τούτων ὡς ὑβρίζοντων. ὅταν οὖν ἐρεθίσῃ σέ τις, ἴσθι, ὅτι ἡ σὴ σε ὑπόληψις ἠρέθηκε. τοιγαροῦν ἐν πρώτοις πειρῶ ὑπὸ τῆς φαντασίας μὴ συναρπασθῆναι· ἂν γὰρ ἅπαξ χρόνου καὶ διατριβῆς τύχης, ῥᾶον κρατήσεις σεαυτο.

Lembra que não é insolente quem ofende ou agride, mas sim a opinião [*to dogma*] segundo a qual ele é insolente. Então, quando alguém te provocar, sabe que é a tua suposição [*hypolepsis*] que te provocou. Portanto, em primeiro lugar, tenta não ser arrebatado pela representação: uma vez que ganhares tempo e prazo, mais facilmente serás senhor de ti mesmo.

⁹ Cf. Epic. *Diss.* 4.5.28.

Neste capítulo, Epicteto afirma a identidade entre opinião (*dogma*) e suposição (*hypolepsis*), dizendo que esta está entre as coisas que dependem de nós. Como *hypolepsis* e *dogma* são sinônimos em Epicteto, o mesmo pode ser dito sobre a opinião (*dogma*). Mas por que uma opinião é boa (correta) ou má (errada)? A resposta para isso pode ser encontrada em Epict. *Ench.* 1: opiniões boas (certas) agregam valor às coisas que estão sob nosso encargo¹⁰ (juízo,¹¹ desejo,¹² impulso,¹³ assentimento,¹⁴ ou, em geral, o uso de representações) e retiram valor das coisas externas *per se*, enquanto opiniões más (erradas) agregam valor às coisas externas e retiram valor das coisas que estão sob nosso encargo. Assim, opiniões são medidas pela forma como avaliam as coisas: más opiniões avaliam as coisas externas (que não estão sob nosso encargo) como boas ou más; as boas opiniões avaliam as coisas externas como indiferentes;

¹⁰ A expressão *eph'hemin* não possui equivalente direto que possa dar conta de seu significado. Literalmente poderíamos traduzi-la por “algumas coisas estão sobre nós; outras não.” Muraccho traduz expressão semelhante (*to epi emoi*) por “no que está sobre mim”, no sentido de “quanto a mim, no que concerne a mim” (2001, p. 573). Neste caso a tradução poderia ser “algumas coisas são concernentes a nós, outras não.” Bailly (2000) citando a mesma expressão (*Xen. Cyr.* 5,4, 11) acentua a ideia de dependência e de poder que ela expressa, traduzindo-a por “autant qu’il est en mon pouvoir,” enfatizando assim a ideia de controle. A expressão possui imagem concreta e clara, referindo-se a algo que é colocado sobre nós, sustentado por nós, pois nos encontramos embaixo, fornecendo seu apoio. A opção por “encargo” mantém a relação espacial concreta de algo que se encontra posto em cima de nós, como permite o desdobramento para as ideias de dependência e responsabilidade. Cf. Epict. *Diss.* 1.22.10; 2.6.8; 2.9.15; 2.19.13; 41.65 ss.

¹¹ *Hypolepsis*, substantivo relacionado ao verbo *hypolambano* que expressa a ideia de sucessão, de substituição, desdobrando-se para o significado de réplica, resposta, concepção e pensamento. Neste capítulo o vocábulo parece estar associado ao verbo *oio*, que significa “pensar, conjecturar.”

¹² *Orexis* é o nome da ação do verbo grego que apresenta o significado de estender ou tender na direção de algo (por exemplo estender as mãos para o céu ou para pedir algo a alguém), de onde “desejo,” “apetite.”

¹³ *Horme*, substantivo relacionado ao verbo *hornumi* (“levantar-se”), designa o primeiro bote de um assalto ou ataque, desdobrando-se para as ideias de elã e impulso. Segundo Bailly (2000), entre os estoicos, o conceito designa o impulso dos sentidos ou instintos em oposição à livre vontade governada pela razão.

¹⁴ A capacidade humana de escolha.

as más opiniões subestimam as coisas internas (que nos cabem); as boas opiniões avaliam as coisas internas como boas ou ruins.

Assim, em Epict. *Diss.* 1.3.1, a ideia de que todos os seres humanos são filhos de Zeus é nomeada como um *dogma* que permite a quem lhe dá assentimento não pensar nada de abjeto sobre si mesmo. Em Epict. *Diss.* 3.3.18, Epicteto destaca que o sofrimento é causado por uma opinião segundo a qual algo externo é bom (e, portanto, desejável) ou ruim (e, portanto, indesejável). Em Epict. *Diss.* 1.19.16, Epicteto aponta que a causa da servidão é a opinião segundo a qual as coisas que não estão sob nosso encargo são boas ou más.

A relação entre opinião e capacidade de escolha (*prohairesis*)

As opiniões estão intimamente ligadas à capacidade humana de escolha (*prohairesis*), que, em Epicteto, engloba todas as já citadas atividades que nos competem: opinião (*doxa*), que Epicteto igualmente chama de “suposição” (*hypolepsis*) ou “juízo” (*krisis*), desejo, impulso e assentimento ou, em geral, o uso das representações. As nossas opiniões são de suma importância neste contexto, pois são os únicos bens verdadeiros que carregamos onde quer que andemos.¹⁵ A qualidade das opiniões às quais assentimos é, portanto, essencial para o nosso bem-estar. Na verdade, em Epict. *Diss.* 1.29.3, Epicteto diz: “As opiniões sobre os materiais [coisas externas que selecionamos e fazemos uso], se estiverem corretas, tornam a capacidade de escolha boa: mas opiniões perversas e distorcidas tornam a capacidade de escolha má.”¹⁶ Em Epict. *Diss.* 1.17.27, Epicteto observa que a capacidade humana de escolha não pode ser constrangida por nada além de si mesma – isto é: pelas opiniões que sustenta. Isto explica por que, para Epicteto, a

¹⁵ Epict. *Diss.* 4.7.14.

¹⁶ τὰ γὰρ περὶ τῶν ὑλῶν δόγματα ὀρθὰ μὲν ὄντα ἀγαθὴν ποιεῖ τὴν προαίρεσιν, στρεβλὰ δὲ καὶ διεστραμμένα κακὴν.

capacidade de escolha é o que realmente somos e por que a destruição do humano é a obliteração de suas opiniões corretas.

Epicteto também afirma que o uso das representações constitui o bem humano.¹⁷ O bom uso, como vimos, exige boas opiniões e capacidade de escolha em bom estado. Assim, em última análise, o bem humano é uma capacidade de escolha de certa qualidade, e o mesmo se aplica ao mal humano, como deixa claro Epicteto em *Diss.* 1.29.1.

Em outras palavras, podemos dizer que, para Epicteto, o bem humano é o uso adequado das representações. Para fazer tal uso das representações, é necessário possuir a capacidade de escolha (*prohairesis*) em bom estado, o que implica possuir opiniões boas ou corretas sobre si mesmo e o mundo, pois tais opiniões guiarão a capacidade de escolha para boas escolhas e bons usos das coisas externas, definindo também nosso caráter.

Virtudes lógicas em Epicteto

Como vimos, o uso de representações consiste na gestão das coisas que nos competem, nas quais as nossas opiniões têm papel de destaque. Epicteto distingue três auxílios principais relativos ao tratamento das representações em *Diss.* 1.27, intitulada “De quantas maneiras existem as representações e que ajudas devemos fornecer contra elas”

[T4] Epicteto, *Diss.* 1.27.1:

Τετραχῶς αἱ φαντασίαι γίνονται ἡμῖν· ἢ γὰρ ἔστι τινὰ <καί> οὕτως φαίνεται ἢ οὐκ ὄντα οὐδέ φαίνεται ὅτι ἔστιν ἢ ἔστι καὶ οὐ φαίνεται ἢ οὐκ ἔστι καὶ φαίνεται. λοιπὸν ἐν πᾶσι τούτοις εὐστοχεῖν ἔργον ἐστὶ τοῦ πεπαιδευμένου. ὃ τι δ' ἂν ἦ τὸ θλίβον, ἐκείνῳ δεῖ προσάγειν τὴν βοήθειαν.

As representações nos advêm de quatro modos: pois ou é algo e assim se afigura, ou não é nem se afigura

¹⁷ Ver Epict. *Diss.* 1.20.16; Dinucci; Rudolph, 2024.

como o que é, ou é e não se afigura, ou não é e se afigura. De resto, é ação do ser humano instruído acertar o alvo em todas essas coisas. Qualquer aflição que haja, devemos aplicar sobre ela o remédio.

Epicteto afirma que existem quatro tipos de representações: ou coisas são o que parecem ser; ou não são nem parecem ser; ou são e não parecem ser; ou não são e ainda assim parecem ser. Os dois primeiros tipos são compreensivos (*kataleptikai*), e os dois últimos tipos são não compreensivos (*akataleptoi*), mas *parecem* ser compreensivos. Estes últimos tipos são os perigosos e difíceis, pois podem enganar a razão, e “acertar o alvo”¹⁸ diante deles é característico de uma pessoa culta, ou seja, alguém instruído em filosofia. “Acertar o alvo” significa, como observa George Long (1904), formar um juízo correto sobre o que parece ser ou não ser, e Epicteto diz que devemos aplicar um remédio¹⁹ para formar juízos corretos enquanto enfrentamos representações perigosas.

Epicteto enumera três espécies de representações perigosas às quais devemos aplicar uma cura. Em primeiro lugar, os “irritantes” (*thlibonta*) sofismas de Pirro e dos acadêmicos.²⁰ Em segundo lugar, “a persuasão das coisas, pelas quais algumas coisas parecem boas quando não o são.”²¹ Em terceiro, os hábitos perturbadores.²² A persuasividade que temos em vista nesse artigo é aquela que se refere particularmente aos sofismas em geral, que, na passagem acima, Epicteto ilustra com o que ele considera como sendo os sofismas de Pirro e dos acadêmicos.

¹⁸ *Eustochein*, Epict. *Diss.* 1.27.2.

¹⁹ *Boetheia*, Epict. *Diss.* 1.27.2

²⁰ Epict. *Diss.* 1.27.2.

²¹ Epict. *Diss.* 1.27.3: αἱ τῶν πραγμάτων πιθανότητες, καθ' ἃς φαίνεται τινα ἀγαθὰ οὐκ ὄντα.

²² Epict. *Diss.* 1.27.2.

Diógenes Laércio nos informa que, para o Pórtico,²³ a lógica é um conhecimento indispensável ao filósofo,²⁴ resultando em virtude genérica que subsume quatro espécies, quais sejam:

(i) ausência de precipitação (*aproptosis*), isto é, “conhecimento de quando dar ou *negar* o assentimento a representações;”²⁵

(ii) cautela (*aneikaiotes*), “forte reserva quanto ao que, no momento, parece persuasivo para não se deixar enganar por isso;”²⁶

(iii) irrefutabilidade (*anelenxia*), “força no argumento para não ser levado por ele para o lado oposto;”²⁷

(iv) seriedade (*amataiotes*), “hábito de referir as representações à reta razão.”²⁸

Quanto à relevância desses conceitos (e conseqüentemente da lógica) em Epicteto, constatamos que, em Epict. *Diss.* 2.8.29, nosso filósofo emprega a palavra *aproptosis* em conexão com o assentimento: “Vou te mostrar a força de um filósofo [...] desejo que nunca falha em conseguir o que quer, aversão que sempre evita o que não quer, impulso adequado, propósito cuidadoso e assentimento sem precipitação de juízo (*aproptosis*).”²⁹ Epicteto se refere a *aneikaiotes* em Epict. *Diss.* 1.27.2, embora não mencione explicitamente nesta passagem as outras três virtudes lógicas. Por fim, nosso filósofo não

²³ Há exceções quanto a isso. Uma delas é Aristo de Quios, o estoico que rejeitou a física e a lógica estoicas e se contentou com a ética do Pórtico. Aristo floresceu em 260 AEC. A ele se atribui a doutrina estoica dos indiferentes (*ta adiaphora*). Ver D.L. 7.37 e 160 ss.

²⁴ D.L. 7.47-8; 7.83. Ver também Alexander, *In Top.* 1.8-14.

²⁵ D.L. 7.46: τὴν τ' ἀπροπτωσίαν ἐπιστήμην τοῦ πότε δεῖ συγκατατίθεσθαι καὶ μή.

²⁶ D.L. 7.46-7: τὴν δ' ἀνεικαιότητα ἰσχυρὸν λόγον πρὸς τὸ εἰκός, ὥστε μὴ ἐνδιδόναι αὐτῷ.

²⁷ D.L. 7.47: τὴν δ' ἀνελεγχίαν ἰσχὺν ἐν λόγῳ, ὥστε μὴ ἀπάγεσθαι ὑπ' αὐτοῦ εἰς τὸ ἀντικείμενον.

²⁸ D.L. 7.47: τὴν δ' ἀματαιότητα ἕξιν ἀναφέρουσιν τὰς φαντασίας ἐπὶ τὸν ὀρθὸν λόγον.

²⁹ δεῖξω ὑμῖν νεῦρα φιλοσόφου. ποῖα νεῦρα; ὄρεξιν ἀναπότευκτον, ἐκκλισιν ἀπερίπτωτον, ὀρμὴν καθήκουσαν, πρόθεσιν ἐπιμελῆ, συγκατάθεσιν ἀπρόπτωτον.

menciona explicitamente a seriedade (*amataiotes*), embora essa seja sua preocupação central: como vimos, o bom uso das representações resume, em sua filosofia, o próprio bem humano.³⁰

Perguntas e respostas em Epicteto

Epicteto, em diatribe intitulada “Sobre o uso de argumentos sofisticados, hipotéticos e similares,” após apontar que o sábio deve lidar adequadamente com todos os assuntos,³¹ afirma:

[T5] Epicteto, *Diss.* 1.7.2-5:

ζητοῦμεν γὰρ ἐπὶ πάσης ὕλης πῶς ἂν εὐρ[ο]οὶ ὁ καλὸς καὶ ἀγαθὸς τὴν διέξοδον καὶ ἀναστροφὴν τὴν ἐν αὐτῇ καθήκουσαν. οὐκοῦν ἢ τοῦτο λεγέτωσαν, ὅτι οὐ συγκαθήσει εἰς ἐρώτησιν καὶ ἀπόκρισιν ὁ σπουδαῖος ἢ ὅτι συγκαθεις οὐκ ἐπιμελήσεται τοῦ μὴ εἰκῆ μηδ' ὡς ἔτυχεν ἐν ἐρωτήσῃ καὶ ἀποκρίσῃ ἀναστρέφεσθαι, [μ]ῆ τούτων μηδέτερον προσδεχομένοις ἀναγκαῖον ὁμολογεῖν, ὅτι ἐπίσκεψίν τινα ποιητέον τῶν τόπων τούτων, περὶ οὓς μάλιστα στρέφεται ἐρώτησις καὶ ἀπόκρισις. τί γὰρ ἐπαγγέλλεται ἐν λόγῳ; τάληθῆ τιθέναί, τὰ ψευδῆ αἶρειν, <πρὸς> τὰ ἄδηλα ἐπέχειν.

Pois buscamos como o ser humano moralmente bom e belo pode descobrir em toda e qualquer questão uma solução e, por meio desta, a conduta adequada. Portanto, que digam ou que o ser humano virtuoso não se envolverá em perguntas e respostas, ou que, se se envolver , não se importará com se comportar aleatoriamente ou ao acaso. Se não aceitar nenhuma dessas <alternativas>, é necessário concordar que alguma investigação deve ser feita sobre os tópicos sobre os quais principalmente recaem as perguntas e respostas. O que se requer nos raciocínios? Afirmar o verdadeiro, negar o falso, suspender o juízo em relação às coisas não-evidentes.

Assim, segundo essa passagem, Epicteto salienta que (i) o sábio deve ter conhecimento adequado de certos tópicos de lógica para se

³⁰ Ver Epict. *Diss.* 1.20.16; Dinucci; Rudolph, 2024.

³¹ Epict. *Diss.* 1.7.1.

comportar adequadamente em perguntas e respostas e, para tal, ele deve dar seu assentimento a proposições verdadeiras, negá-lo às falsas e suspendê-lo em relação às incertas.³² Além disso, nas linhas subsequentes, Epicteto afirma que (ii) o sábio deve compreender as consequências do que foi concedido,³³ (iii) bem como oferecer demonstrações lógicas e seguir as demonstrações dos outros, (iv) evitando ser enganado por sofismas.³⁴ Epicteto conclui que, por esta razão, surgiu, entre os estoicos, “a prática e o exercício de argumentos conclusivos e de figuras lógicas.”³⁵

Importante notar que Epicteto faz referência nessa passagem a uma antiga definição de lógica que implica o bem comportar-se em perguntas e respostas, o que o liga diretamente a Zenão de Cítio e a Crisipo.³⁶ *PHerc.* 1020, amplo fragmento de tratado cujo autor é provavelmente o próprio Crisipo,³⁷ igualmente representa o sábio estoico como formidável (*deinos*) em perguntas e respostas.³⁸ A excelência do sábio em tal procedimento está associada a uma das definições de dialética relatadas por Diógenes Laércio (D.L. 7.42)

³² Epict. *Diss.* 1.7.5.

³³ Epict. *Diss.* 1.7.9-10.

³⁴ Epict. *Diss.* 1.7.11.

³⁵ Epict. *Diss.* 1.7.14.

³⁶ Entre as obras perdidas de Zenão, temos uma intitulada *περὶ τὸν ἐν ἐρωτήσῃ καὶ ἀποκρίσει λόγον* (“Sobre argumentos em forma de perguntas e repostas”, D.L. 7.42.48-49). Segundo Barnes (1997, p. 119) e Castagnoli (2023, p. 167–169), Zenão teria sido o primeiro estoico a destacar que o domínio da dialética é característica do sábio. Ver também Snyder (2018).

³⁷ Alessandrelli; Ranochia, 2017.

³⁸ *PHerc.* 109,4-15. Diógenes Laércio, 7.47-8 (= *SVF*, 2.130) relata o mesmo sobre o sábio estoico, seu domínio da lógica e sua competência em perguntas e respostas: “Sem o estudo da dialética, dizem eles, o sábio não pode se defender no argumento de modo a nunca tropeçar, pois tal estudo permite-lhe distinguir entre verdade e falsidade, e discriminar o que é persuasivo e o que é expresso de forma ambígua, e sem isso ele não pode fazer perguntas metodicamente e dar respostas.” (οὐκ ἄνευ δὲ τῆς διαλεκτικῆς θεωρίας τὸν σοφὸν ἄπτωτον ἔσεσθαι ἐν λόγῳ· τό τε γὰρ ἀληθές καὶ τὸ ψεῦδος διαγινώσκεισθαι ὑπ’ αὐτῆς καὶ τὸ πιθανόν τό τ’ ἀμφιβόλως λεγόμενον διευκρινεῖσθαι· χωρὶς τ’ αὐτῆς οὐκ εἶναι ὁδῶ ἐρωτῶν καὶ ἀποκρίνεσθαι). Além disso, o sábio tem uma vida feliz, e faz tudo corretamente, porque não comete erros e não pode ser enganado (*PHerc.* 108 1-5).

como “a ciência de discursar corretamente em perguntas e respostas.”³⁹ Anthony Long, que compreende tal definição como habilidade de formular “argumentos em forma de perguntas e respostas”⁴⁰ (1978, p. 86), observa ser esta a definição estoica mais antiga da dialética, representando a “dialética de uma maneira que se ajusta à concepção geral do termo no início do período helenístico.” (Long, 1978, p. 87-88).

Quanto a (iv) não ser enganado por sofismas, mais uma vez *PHerc.* 1020 nos informa que, para os estoicos, o sábio ideal não pode ser persuadido,⁴¹ porque nunca concede seu assentimento a uma falsa representação (*phantasia*) ou suposição (*hypolepsis*)⁴² e nada ignora (*meden agnoein*).⁴³

Efetivamente, para os estoicos, a lógica tem como uma de suas funções desvendar a persuasão enganosa dos sofismas, sendo o sábio estoico representado como aquele que é capaz de desmascarar sofismas e falsos raciocínios em geral:

³⁹ τήν τε ῥητορικὴν ἐπιστήμην οὖσαν τοῦ εὖ λέγειν περὶ τῶν ἐν διεξόδῳ λόγων καὶ τὴν διαλεκτικὴν τοῦ ὀρθῶς διαλέγεσθαι περὶ τῶν ἐν ἐρωτήσῃ καὶ ἀποκρίσει λόγων. (Versão em português da tradução de Hicks, 1972) Diógenes Laércio (D.L. 7.62) nos informa outras duas definições estoicas de dialética: “A ciência do que é verdadeiro, falso e nem verdadeiro nem falso” (Posidônio) e “sobre significados e significações” (Crisipo) (Διαλεκτικὴ δὲ ἐστίν, ὡς φησι Ποσειδώνιος, ἐπιστήμη ἀληθῶν καὶ ψευδῶν καὶ οὐθετέρων· τυγχάνει δ' αὐτῆ, ὡς ὁ Χρῦσιππὸς φησι, περὶ σημαίνοντα καὶ σημαίνόμενα).

⁴⁰ Long observa (1978, p. 88) que “argumentos por perguntas e respostas eram a mais característica conotação filosófica de dialética, derivada do sentido ordinário da palavra “conversar” (*dialegesthai*) e dos métodos socrático e sofístico de argumentação.”

⁴¹ *PHerc.* 105 1-4.

⁴² *PHerc.* 105 7-9.

⁴³ *PHerc.* 107 1-5. O mesmo é dito por Ário: “Dizem que o sábio nunca supõe o que é falso, nem concorda com o que não pode ser apreendido, pois não forma opinião nem é ignorante em qualquer assunto. Pois a ignorância é um assentimento mutável e débil. Porém, o sábio não assente a nada de maneira débil, mas sim com segurança e firmeza. Por isso, o sábio também não forma opinião.” (Ário, *Epítome de ética estoica* 11m (= Estobeu *Ecl.* II 111,18 W = *SVF* 3. 548). Versão em português da tradução de Pomeroy (1999). Ver também Cic. *Acad.* 1.41-2 (= *SVF* 1.60).

[T6] Crisipo, *frag.* 39 (= Philo, *De agricultura*, III, par. 14)

τὸν γοῦν κατὰ φιλοσοφίαν λόγον τρίδυμον ὄντα τοὺς παλαιούς ἀγρῶ φασιν ἀπεικάσαι, τὸ μὲν φυσικὸν αὐτοῦ δένδροις καὶ φυτοῖς παραβάλλοντας, τὸ δ' ἠθικὸν καρποῖς, ὧν ἔνεκα καὶ τὰ φυτά, τὸ δ' αὖ λογικὸν φραγμῶ καὶ περιβόλῳ· καθάπερ γὰρ τὸ περικείμενον τεῖχος ὀπώρας καὶ φυτῶν τῶν κατὰ τὸν ἀγρὸν ἐστὶ φυλακτῆριον τοὺς ἐπὶ τῷ σίνεσθαι παρεισφθεῖρεσθαι βουλομένους ἀνεῖργον, τὸν αὐτὸν τρόπον τὸ λογικὸν μέρος φιλοσοφίας φρουρά τις ἐστὶν ὄχυρωτάτη τῶν δυεῖν ἐκείνων, ἠθικοῦ τε καὶ φυσικοῦ· τὰς γὰρ διπλᾶς καὶ ἀμφιβόλους ὅταν ἐξαπλοῖ λέξεις καὶ τὰς διὰ τῶν σοφισμάτων πιθανότητος ἐπιλύη καὶ τὴν εὐπαράγωγον ἀπάτην, μέγιστον ψυχῆς δέλεαρ καὶ ἐπιζήμιον, ἀναρῆ διὰ λόγων ἐμφαντικωτάτων καὶ ἀποδείξεων ἀνενδοιάστων, ὥσπερ κηρὸν λελειασμένον τὸν νοῦν ἀπεργάζεται ἔτοιμον δέχεσθαι τοὺς τε φυσιολογίας καὶ τοὺς ἠθοποιίας ἀσινεῖς καὶ πάνυ δοκίμους χαρακτῆρας.

Os antigos equiparam os princípios da filosofia, sendo tríplexes, a um campo: comparando a filosofia natural a árvores e plantas; a filosofia moral a frutos, por causa dos quais as plantas são plantadas; e a lógica à sebe ou a uma cerca: pois, assim como o muro que se ergue ao redor, sendo o guardião das plantas e dos frutos que estão no campo, afastando todos aqueles que desejam prejudicá-los e destruí-los, da mesma maneira, a parte lógica da filosofia é o tipo de proteção mais forte possível para as outras duas partes, a filosofia moral e a filosofia natural; pois quando simplifica expressões duplas e ambíguas, e quando resolve a especiosa persuasão emaranhada em sofismas e destrói totalmente os enganos sedutores, o maior encantamento e ruína da alma, por meio de sua própria linguagem expressiva e clara e suas demonstrações inequívocas, torna toda a alma lisa como a cera e pronta para receber todas as impressões puras e muito louváveis da filosofia natural e moral.

Nessa passagem, Crisipo apresenta a lógica como conhecimento útil para a defesa das partes ética e física da filosofia, bem como para manter a alma livre de falsos raciocínios. Sexto parece estar falando sobre essa mesma concepção de lógica como ferramenta protetora e

preparatória na seguinte passagem sobre lógica e solução de sofismas persuasivos:

[T7] Sexto, *Pyr.* 2.229 ss.

Οὐκ ἄτοπον δὲ ἴσως καὶ τῷ περὶ τῶν σοφισμάτων ἐπιστῆσαι λόγῳ διὰ βραχέων, ἐπεὶ καὶ εἰς τὴν τούτων διάλυσιν ἀναγκαίαν εἶναι λέγουσι τὴν διαλεκτικὴν οἱ σεμνύνοντες αὐτήν. εἰ γὰρ τῶν τε ἀληθῶν καὶ ψευδῶν λόγων, φασίν, ἐστὶν αὕτη διαγνωστικὴ, ψευδεῖς δὲ λόγοι καὶ τὰ σοφίσματα, καὶ τούτων ἂν εἴη διακριτικὴ λυμαιομένων τὴν ἀλήθειαν φαινομένης πιθανότησιν. ὅθεν ὡς βοηθοῦντες οἱ διαλεκτικοὶ σαλεύοντι τῷ βίῳ καὶ τὴν ἔννοιαν καὶ τὰς διαφορὰς καὶ τὰς ἐπιλύσεις δὴ τῶν σοφισμάτων μετὰ σπουδῆς ἡμᾶς πειρῶνται διδάσκειν, λέγοντες σόφισμα εἶναι λόγον πιθανὸν καὶ δεδολιευμένον ὥστε προσδέξασθαι τὴν ἐπιφορὰν ἧτοι ψευδῆ ἢ ὠμοιωμένην ψευδεῖ ἢ ἄδηλον ἢ ἄλλως ἀπρόσδεκτον.

Sem dúvida, é oportuno dedicar algum tempo também à questão dos sofismas, já que aqueles que enaltecem a dialética dizem que ela é indispensável para a sua solução. Pois, dizem eles, se a dialética é a ciência que distingue entre argumentos verdadeiros e falsos, então será capaz de discriminar essas coisas que mancham a verdade com aparente persuasão. É por isso que os dialéticos, como que socorrendo o vacilante senso comum, procuram seriamente nos ensinar o conceito, as variedades e as resoluções dos sofismas. Eles dizem que um sofisma é um argumento persuasivo e traiçoeiro que leva a aceitar uma consequência falsa ou semelhante a algo falso ou obscuro ou de alguma outra forma inaceitável.

Segundo Sexto, a dialética é vista por aqueles que a exaltam, grupo que deve incluir tanto os estoicos quanto os peripatéticos, como o único conhecimento disponível que, pela distinção que opera entre argumentos verdadeiros e falsos,⁴⁴ nos permite identificar sofismas, que são definidos como argumentos persuasivos e

⁴⁴ Efetivamente, para os estoicos, e diferentemente da lógica atual, argumentos podem ser verdadeiros e falsos. Ver Dinucci; Duarte, 2016.

enganosos que levam a aceitar (*prodexasthai*) uma consequência logicamente inaceitável.

Cumprir notar que o termo “lógica” (*ta logika*) é usado pelos estoicos em sentido mais amplo do que o corrente. Para eles, os estudos lógicos incluem retórica, epistemologia (teoria da representação), teoria da linguagem, estudo dos sofismas e dialética (*dialektike*).⁴⁵ Esta última é semelhante ao que hoje chamamos de “cálculo proposicional,” embora não coincidente.

Para os estoicos, a dialética é ferramenta fundamental tanto para o estudante de filosofia como para o filósofo, permitindo-lhes desmascarar sofismas e argumentos inválidos e construir demonstrações válidas que os auxiliem na defesa das teorias estoicas e na defesa contra críticas infundadas. As evidências acima comprovam a adesão de Epicteto a teses ortodoxas estoicas relativas à dialética: quais sejam, (i) que ela propicia ao filósofo expertise para se comportar bem em perguntas e respostas, o que implica que (ii) o filósofo deve compreender bem os argumentos e o que foi concedido (as premissas envolvidas no processo de dedução de uma conclusão), (iii) oferecer demonstrações lógicas e seguir as demonstrações alheias e (iv) saber identificar e denunciar sofismas.⁴⁶

⁴⁵ Ver D.L. 7.43.5 – 7.44.1.

⁴⁶ Sabemos que, em algumas passagens, Epicteto parece não incentivar o estudo da lógica. Porém, como observou Barnes (1997), Epicteto está aí combatendo uma tendência de sua época de pôr de lado a parte ética do estoicismo e se concentrar na lógica. Além disso, como observamos alhures (Dinucci; Rudolph, 2024), o uso da lógica para detectar sofismas e bem agir em argumentos na forma de perguntas respostas é reservado ao terceiro tópico de sua filosofia (o tópico do assentimento e do persuasivo), o último a ser aprendido pelo estudante de filosofia e que garante a segurança dos dois primeiros, quais sejam, o tópico do desejo e do juízo (no qual os juízos são reorientados pela distinção *eph'hemin* (o teorema ontológico)) e o tópico do impulso e do hábito, no qual os impulsos instintivos humanos são modelados por meio de bons hábitos para fins éticos e comunitários.

A noção de *pithanon* (persuasivo) aplicada a sofismas em Epicteto

Como vimos, em Epict. *Diss.* 1.27.2, Epicteto diz que devemos aplicar um remédio a cada representação difícil que encontrarmos, ou seja, tanto aquelas que parecem ser o que não são como aquelas que parecem não ser o que são. Na continuação, Epicteto afirma que se “os sofismas do pirronismo, ou da Academia, nos afligem, o remédio deve ser aplicado ali.”⁴⁷ Esta passagem implica que Epicteto considera estes por ele assim chamados “sofismas” como representações abstratas que parecem ser o que não são (isto é, aparentemente verdadeiras, mas, na realidade, falsas). O remédio para esses sofismas não pode ser outro senão a lógica, como Epicteto deixa claro: “a arte de raciocinar, e o uso e exercício frequente dela.”⁴⁸

A atitude de Epicteto diante dos sofismas é exemplificada em Epict. *Diss.* 2.19, passagem na qual encontramos a célebre descrição de Epicteto do *Argumento Mestre* de Diodoro Crono:⁴⁹

[T8] Epicteto, *Diss.* 2.19.1-2, 5-6:

κοινῆς γὰρ οὔσης μάχης τοῖς τρισὶ τούτοις πρὸς ἄλληλα, τῷ [τὸ] πᾶν παρεληλυθὸς ἀληθὲς ἀναγκαῖον εἶναι καὶ τῷ [ἀ]δυνατῷ ἀδύνατον μὴ ἀκολουθεῖν καὶ τῷ [**] δυνατὸν εἶναι ὃ οὔτ' ἔστιν ἀληθὲς οὔτ' ἔσται [...] Ἄν οὖν τίς μου πύθηται ‘σὺ δὲ ποῖα αὐτῶν τηρεῖς;’ ἀποκρινοῦμαι πρὸς αὐτὸν ὅτι οὐκ οἶδα· παρείληφα δ' ἱστορίαν τοιαύτην, ὅτι Διόδωρος μὲν ἐκεῖνα ἐτήρει, οἱ δὲ περὶ Πανθοίδην οἶμαι καὶ Κλεάνθην τὰ ἄλλα, οἱ δὲ περὶ Χρύσιππον τὰ ἄλλα. [...] ‘σὺ οὖν τί;’ οὐδὲ γέγονα πρὸς τούτῳ, τῷ βασανίσαι τὴν ἑμαυτοῦ φαντασίαν καὶ συγκρίναι τὰ λεγόμενα καὶ δόγμα τι ἑμαυτοῦ ποιήσασθαι κατὰ τὸν τόπον.

Das seguintes proposições, quaisquer duas delas implicam um conflito com a terceira: “Que tudo o que

⁴⁷ Epict. *Diss.* 1.27.2.

⁴⁸ Epict. *Diss.* 1.27.6.

⁴⁹ Que também é, cumpre notar, a única que nos chegou da Antiguidade.

passou é necessariamente verdadeiro;” “Que algo impossível não é consequência de algo possível;” e “Algo que não é nem será verdade é possível.” [...] E se alguém me perguntar qual a minha posição sobre o assunto, eu direi: Nenhuma! Ouvi dizer que Diodoro tinha uma opinião sobre isso e, creio, os seguidores de Pantoides⁵⁰ e Cleantes, outra; e Crisipo, outra ainda. Mas eu nasci para examinar as coisas como elas aparecem à minha alma, para avaliar o que é dito pelos outros e, a partir daí, formar certa convicção própria sobre qualquer assunto.

Epicteto afirma que não sabe a quais premissas dar assentimento para chegar a uma conclusão acertada e que tudo o que ele pode fazer é explicar a conclusão de outros filósofos. A sua atitude em relação ao *Argumento Mestre* e às suas premissas é, portanto, de suspensão de juízo, embora reconheça que as premissas sejam persuasivas. Na verdade, Epicteto considera o *Argumento Mestre* um sofisma, ou, nas suas próprias palavras, um “pequeno sofisma,”⁵¹ juntamente com os paradoxos do *Mentiroso*⁵² e do *Silencioso*.⁵³ Em *Epict. Diss.* 1.7.26, Epicteto afirma que o humano prudente é “incapaz de ser enganado e constrangido por sofismas.” No mesmo discurso, em *Epict. Diss.* 1.7.33, nosso estoico asseve que não compreender por que certo argumento é um sofisma é uma falta. Todas as outras referências em Epicteto a sofismas e termos relacionados são negativas, razão pela qual tanto o filósofo como o estudante de filosofia precisam reconhecer os sofismas e evitar ser enganados por eles. Em suma, o termo *pithanon* (persuasivo) relativo a premissas e argumentos

⁵⁰ Filósofo megárico que floresceu por volta de 275 AEC.

⁵¹ *Epict. Diss.* 2.18.17: καταψῶ τὴν κορυφὴν μου καὶ λέγω· εὔ, Ἐπίκτητε, κομψὸν σοφισμάτιον ἔλυσας, πολλῶ κομψότερον τοῦ Κυριεύοντος.

⁵² *Epict. Diss.* 2.18. Ψευδόμενος: paradoxo atribuído a Eubúlides de Mileto. Alguém diz: “Estou mentindo.” Se é verdade, ele está mentindo. Se ele está mentindo, é verdade. Cf. D.L. 1.109.

⁵³ *Epict. Diss.* 2.18. Ἡσυχάζων: De acordo com Gaskin, R (1995, p. 234), trata-se do *Argumento Sorites* (também chamado de *Argumento Calvo*). Ver D.L. 1.109. Este argumento pode ser resumido da seguinte forma: Um milhão de grãos de areia é um monte de areia. Um monte de areia menos um grão ainda é um monte. Se um milhão de grãos de areia é um monte, então 999.999 grãos de areia são um monte. E assim por diante até que se chegue à conclusão “1 grão de areia é um monte”.

ocorre em Epicteto relacionado a asseríveis e argumentos enganosos, caráter ardiloso do qual só se pode defender o filósofo dotado de conhecimento sobre dialética e sofismas. Voltemo-nos aos estoicos em geral e a Crisipo em particular para verificarmos a aderência de Epicteto a esses temas no estoicismo ortodoxo.

A definição estoica de sofisma, que Sexto Empírico nos relata, é “um argumento persuasivo (*logos pithanos*) enganosamente formulado para nos fazer aceitar a conclusão falsa ou aparentemente falsa ou não evidente ou de alguma outra forma inaceitável.”⁵⁴ Esta definição se adapta perfeitamente à reflexão de Epicteto sobre o *Argumento Mestre*: para nosso estoico, as suas premissas, como os asseríveis persuasivos em geral, induzem ao assentimento, mas não são evidentes. A atitude correta é, portanto, suspender o juízo, evitando inferir das premissas qualquer conclusão.

Diógenes Laércio menciona, em D.L. 7.189 (= *SVF* 2.13) e em D.L. 7.200 (= *SVF* 2.16), os títulos de algumas obras perdidas de Crisipo contendo a palavra *pithanon* e termos relacionados. Entre as obras de lógica, há o título de um tratado intitulado *Sobre as condicionais persuasivas, de Dioscórides, em quatro livros*.⁵⁵ Na primeira série de trabalhos relativos à taxonomia dos conceitos éticos, encontramos o título *Premissas persuasivas para definições éticas, para Filomates, em três livros*.⁵⁶ Na terceira série, referente à classificação dos conceitos éticos, encontramos os seguintes títulos: <*Premissas*> *persuasivas em apoio às definições, dirigido a Dioscórides, em dois livros*⁵⁷, e <*Argumentos*> *persuasivos relacionados às taxonomias, gêneros e espécies, e o tratamento dos contrários, em um livro*.⁵⁸ O primeiro título nos informa que uma condicional pode ser persuasiva (*pithane*). Os títulos seguintes

⁵⁴ S.E. P. 2.229.13-230.1 (= LS 37A).

⁵⁵ D.L. 7.189: Συνημμένων πιθανῶν πρὸς Διοσκουρίδην δ’.

⁵⁶ D.L. 7.200: Πιθανὰ λήμματα εἰς τὰ δόγματα πρὸς Φιλομαθῆ γ’.

⁵⁷ D.L. 7.200: Πιθανὰ εἰς τοὺς ὅρους πρὸς Διοσκουρίδην β’. Esta ocorrência de *pithanon* não foi percebida Adler (que escreveu o index do *SVF*).

⁵⁸ D.L. 7.200: Πιθανὰ πρὸς τὰς διαίρέσεις καὶ τὰ γένη καὶ τὰ εἶδη καὶ <τὰ> περὶ τῶν ἐναντίων α’.

mencionam premissas e argumentos persuasivos. Nada se sabe sobre o conteúdo dessas obras perdidas, mas podemos inferir de seus títulos que, para os estoicos, (a) asseríveis (*axiomata*)⁵⁹ e argumentos (*logoi*)⁶⁰ podem ser persuasivos. Isso é confirmado por Diógenes Laércio, que cita, entre as espécies de asseríveis, os persuasivos:

[T9] Diógenes Laércio, 7.75 (= *SVF* fr. 2.201):

πιθανὸν δὲ ἐστὶν ἀξίωμα τὸ ἄγον εἰς συγκατάθεσιν, οἷον "εἴ τις τι ἔτεκεν, ἐκείνη ἐκείνου μήτηρ ἐστί." ψευδὸς δὲ τοῦτο· οὐ γὰρ ἡ ὄρνις φύο ἐστὶ μήτηρ.

Um asserível persuasivo é aquele que induz ao assentimento, por exemplo. “Se alguém pariu alguma coisa, é a mãe dessa coisa.” Isso, no entanto, não é necessariamente verdade, pois a galinha não é mãe de um ovo.⁶¹

Esta passagem, que define os asseríveis persuasivos e o ilustra com uma condicional, relaciona-se com a obra perdida de Crisipo acima mencionada intitulada *Sobre as condicionais persuasivas*

⁵⁹ Já que condicionais e premissas são asseríveis. *Axioma* é definido como “um dizível (*lekton*) completo em si mesmo que pode ser asserido no que se refere a si mesmo.” Diógenes Laércio observa que a palavra *axioma* é derivada do verbo *axioo*, que significa primariamente o “ato de aceitar ou rejeitar” (D.L. 7.65). *Axiomata* são as únicas entidades primariamente verdadeiras ou falsas (ver S.E. *M.* 8.56 8.74, 8.12, D.L. 7.65-66), sendo verdadeiras quando são o caso e falsas quando não (ver S.E. *M.* 8.56 8.10, 85; 88). Quanto aos dizíveis (*lekta*), ver S.E. *P.* 2.104, D.L. 7.65.4-5. A palavra grega *lekton* é um adjetivo verbal do verbo *lego* (dizer) e significa literalmente “o que pode ser dito” e pode ser entendido como a significação das palavras. O *lekton* é o efeito do processo de pensar sobre o que causou uma percepção. É também a marca distintiva de uma representação racional (*phantasia*), pela qual pode ser linguisticamente articulada. Em outras palavras, um *lekton* (e consequentemente um *axioma*) não é algo por si, não existe por si mesmo, mas subsiste de acordo com uma representação racional (cf. S.E. *M.* 8.70 (= *SVF*, 2.187)). O *lekton* é objetivo desde que se refira a um determinado atributo de um corpo. Mas, como propriedade de uma *phantasia*, que é uma modificação da capacidade racional e algo corpóreo, subsiste apenas subjetivamente.

⁶⁰ D.L. 7.45.5: Um argumento silogístico (*logos syllogismos*) é definido como um sistema de premissas (*lemmata*) com uma conclusão (*epiphora*) (Εἶναι δὲ τὸν λόγον αὐτὸν σύστημα ἐκ λημμάτων καὶ ἐπιφορᾶς).

⁶¹ Versão em português da tradução de Hicks (1972) com modificações.

(*pithana synemmena*), a *Dioscórides*, em quatro livros.⁶² Sexto também oferece o seguinte relato sobre o conceito de condicional de Crisipo:

[T10] Sexto, *Pyr.* 2.111.5-112.1:

οἱ δὲ τὴν συνάρτησιν εἰσάγοντες ὑγιᾶς εἶναι φασὶ
 συνημμένον, ὅταν τὸ ἀντικείμενον τῷ ἐν αὐτῷ λήγοντι
 μάχηται τῷ ἐν αὐτῷ ἡγουμένῳ· καθ' οὗς τὰ μὲν
 εἰρημένα συνημμένα ἔσται μοχθηρά, ἐκεῖνο δὲ ἀληθές
 ‘εἰ ἡμέρα ἔστιν, ἡμέρα ἔστιν’

E aqueles que introduzem [a noção de] conflito (*mache*) afirmam que uma condicional é verdadeira sempre que a contraditória da consequente estiver em conflito com a antecedente, de modo que, segundo eles [...] a condicional “Se é dia, é dia” é verdadeira.

De fato, o conceito de condicional de Crisipo exige uma conexão entre a antecedente e a consequente, porque, para ele, uma implicação é verdadeira se e somente se a contraditória da consequente conflitar com a antecedente. Efetivamente, no exemplo de T9 de uma condicional persuasiva, “Se alguém pariu alguma coisa, é a mãe dessa coisa,” a contraditória da consequente não está em conflito com a antecedente. No entanto, a referida condicional parece ser verdadeira, pelo que é persuasiva, induzindo ao assentimento. A aparência de verdade dessa condicional em T9 é desmascarada por essa explicação, que, por sua vez, se fundamenta no critério estoico de uma condicional verdadeira. Isso parece ser confirmado por outra passagem de Diógenes Laércio:

[T11] Diógenes Laércio, 7.78:

ἀσυλλόγιστοι δ' εἰσὶν οἱ παρακείμενοι μὲν πιθανῶς
 τοῖς συλλογιστικοῖς, οὐ συνάγοντες δέ, οἷον "εἰ ἵππος
 ἔστι Δίων, ζῶν ἔστι Δίων· ἀλλὰ μὴν ἵππος οὐκ ἔστι
 Δίων· οὐκ ἄρα ζῶν ἔστι Δίων.

⁶² D.L. 7.189: Συνημμένων πιθανῶν πρὸς Διοσκουρίδην δ'. Para uma discussão detalhada da posição de relevantes comentadores sobre esse tema, ver Dinucci; Rudolph, 2022.

Os argumentos não silogísticos são aqueles que se assemelham persuasivamente aos argumentos silogísticos, mas não são provas válidas; por exemplo. “Se Dion é um cavalo, ele é um animal; mas Dion não é um cavalo, portanto ele não é um animal.”

Esta passagem relaciona-se com a teoria estoica dos argumentos (*logoi*), que os estoicos dividem em conclusivos ou válidos (*synaktikoi* ou *perantikoi*) e inconclusivos ou inválidos (*asynaktoi* ou *aperantoi*), sendo conclusivos quando a condicional correspondente formada pela conjunção das premissas como antecedente e a conclusão como conseqüente é verdadeira de acordo com o critério crisipiano de condicional, e inconclusivos no caso contrário.⁶³

T11 nos diz que “argumentos não silogísticos são aqueles que persuasivamente (*pithanon*) se assemelham a argumentos silogísticos, mas não são provas válidas, como quando, a partir de uma condicional mais a negação de seu antecedente se afirma a negação do conseqüente.” O exemplo dado é uma instância do *Sofisma da Negação do Antecedente* ou *Falácia Inversa*, que ocorre quando, a partir de uma condicional mais a negação de seu antecedente, se afirma a negação do conseqüente. Mas não é óbvio que isto seja uma falácia.⁶⁴ De fato, para a maioria da humanidade sem conhecimento em lógica formal, parece um modo válido de raciocínio. Somente o conhecimento lógico pode fazer desvanecer essa aparência de verdade.

Em suma, podemos afirmar que a noção de asserível persuasivo já está presente em Crisipo, pois aparece nos títulos de duas de suas obras perdidas sobre lógica. A definição de asserível persuasivo (*axioma pithanon*) está igualmente presente entre os fragmentos de Crisipo: uma das obras perdidas de Crisipo sobre lógica discute condicionais persuasivas (*Sobre condicionais persuasivas, a*

⁶³ Ver S.E. P. 2.137 1-5.

⁶⁴ Os estoicos, como os lógicos modernos, reconhecem apenas dois tipos básicos de argumentos válidos com condicionais: o *modus ponens* (Se A, então B; A; logo B - ver D.L. 7.80; S.E. M. 8.157; Gal. *Inst.*, 15 etc.) e o *modus tollens* (Se A, então B; ~B; logo ~A - ver D.L. 7.80; S.E. M. 8.225; Gal. *Inst.*, 15 etc.).

Dioscórides, em quatro livros),⁶⁵ e a definição de *axioma pithanon* em T11 é seguida pelo exemplo de uma condicional (“Se alguém deu à luz alguma coisa, é a mãe daquela coisa”). Além disso, em T9 e T11, o conceito de persuasivo (*pithanon*) está ligado a algo que é enganoso: ambas as condicionais dadas como exemplos nesses excertos são instâncias de argumentos falaciosos.

Por fim, importante notar que a quantidade de trabalhos de Crisipo sobre sofismas e paradoxos revela sua grande preocupação com esse assunto.⁶⁶ Diógenes Laércio lista 35 livros seus sobre este tema.⁶⁷ Entre eles, encontramos 5 livros sobre o *Paradoxo do Mentiroso* (que Epicteto menciona). Crisipo considera este paradoxo um sofisma que depende da expressão e do estado de coisas,⁶⁸ e Cícero preserva a explicação de Crisipo sobre a necessidade de suspender o juízo e não tirar conclusões diante de sofismas como este: “Pois, como um condutor habilidoso, contarei meus cavalos antes de chegar ao limite, ainda mais se para onde eles se dirigem é um precipício. Da mesma forma, me contenho antecipadamente e paro de responder a perguntas sofisticadas.”⁶⁹

A estratégia de não responder a sofismas (“tornar-se quiescente”, *hesychazein*) e, conseqüentemente, suspender o juízo, uma vez que não há conhecimento disponível para tirar uma conclusão válida, é exatamente a atitude que Crisipo recomenda em relação ao *Argumento Sorites*, também conhecido como o *Paradoxo do Calvo* e *O Silencioso*, que é como Epicteto o chama em *Epict. Diss.* 2.18.1. Long e Sedley (1987a, p. 229) observam que tanto o *Mentiroso* quanto o *Sorites* são “as armas acadêmicas clássicas”, cujo “uso insistente de quebra-cabeças em seu ataque aos estoicos” é bem atestado. Vimos, em *Epict. Diss.* 1.27.2, que a luta contra os sofismas

⁶⁵ D.L. 7.189: Συνημμένων πιθανῶν πρὸς Διοσκουρίδην δ’.

⁶⁶ Que é conseqüência do fato de a dialética estoica não possuir uma linguagem formal, tornando a ambigüidade da linguagem natural um sério problema, como de fato o é nos textos filosóficos em geral.

⁶⁷ D.L. 7.192-8.

⁶⁸ D.L. 7.44 (= LS 37C).

⁶⁹ Cic. *Acad.* 2,92-6 (= LS 37H).

acadêmicos e pirrônicos é uma das suas principais preocupações. Certamente ecoando essa concepção de Crisipo sobre como enfrentar tais argumentos considerados falaciosos, Epicteto afirma explicitamente, em *Epict. Diss.* 2.6.3, que “também é bom conhecer suas próprias qualificações e poderes, para que, quando não se esteja qualificado para responder uma certa questão, que se possa manter o silêncio (*ages hesiquias*).”

Conclusões

Vimos que o teste de representações é absolutamente central em Epicteto e que, entre as representações a serem testadas estão premissas e argumentos sofisticos. O objeto central deste inquérito em particular são opiniões (*dogmata*) ou suposições (*hypolepsis*), intimamente relacionadas à capacidade de escolha (*prohairesis*), constituindo elas o único bem verdadeiro dos humanos, capazes de bem guiar suas escolhas quando corretas e de pervertê-las quando equivocadas. Epicteto, em conexão com a ortodoxia do estoicismo, estima a lógica como o instrumento adequado para a detecção de sofismas, constituindo virtude que subsume outras quatro: ausência de precipitação (*aproptosis*), cautela (*aneikaiotes*), irrefutabilidade (*anelenxia*) e seriedade (*amataiotes*), esta última não mencionada explicitamente por nosso filósofo, mas evidentemente implícita por tratar da precisão de testar as representações. A própria noção de dialética apresentada por Epicteto (conhecimento pertinente para bem lidar com argumentos em forma de perguntas e respostas) é a mais antiga definição estoica de lógica, já mencionada por Zenão de Cítio. Para bem ser portar em tais argumentos, o filósofo deve compreender as consequências do que foi concedido, oferecer demonstrações lógicas e seguir as demonstrações dos interlocutores e, finalmente, evitar ser enganado por sofismas.⁷⁰ Para tal, o filósofo deve dominar a dialética estoica (ou seja, o cálculo proposicional estoico) bem como se tornar proficiente quanto à detecção de sofismas. Diante de tudo isso, *no que se refere a premissas e*

⁷⁰ *Epict. Diss.* 1.7.11.

argumentos, o termo *pithanon* ocorre em Epicteto no sentido de premissa ou argumento enganador, estando assim também aí em perfeita sintonia com Crisipo e o estoicismo ortodoxo.

Disponibilidade de dados

Não aplicável.

Bibliografia

ALESSANDRELLI, M.; RANOCCHIA, G. (2017). *Scrittore Stoico anonimo opera incerta. PHerc. 1020, coll. 104-112*. Roma, ILIESI-CNR.

ANNAS, J.; BARNES, J. (2000). *Sextus Empiricus. Outlines of scepticism*. Cambridge, Cambridge University Press.

ANNAS, J. (1991). *Hellenistic Philosophy of Mind*. Berkeley, University of California Press.

BAILLY. (2000). *Dictionnaire Grec-Français. Le Grand Bailly*. Paris, Hachette.

BARNES, J. (1997). *Logic and the Imperial Stoa*. Leiden, Brill.

BARNES, J. Pithana synnemena. In: BARNES, J. (2013) *Logical Matters: Essays in Ancient Philosophy II*. Oxford, Oxford University Press.

BASORE, J. W. (1932). *Seneca: Moral Essays, Vol. II: De Consolatione ad Marciam De Vita Beata. De Otio, De Tranquillitate Animi. De Brevitate Vitae. De Consolatione ad Polybium. De Consolatione ad Helviam*. Cambridge, Harvard University Press.

BOBZIEN, S. *Stoic Logic*. In: INWOOD, B. (1996). *Oxford Studies in Ancient Philosophy* 14. Oxford, Oxford University Press.

BOBZIEN, S. *Stoic Syllogistic*. In: INWOOD, B. (2003). *The Cambridge Companion to Stoics*. Cambridge, Cambridge University Press.

BURY, R. G. B. (trad.) (1935). *Sextus Empiricus. Against the Logicians*. Cambridge, Harvard University Press.

- BURY, R. G. B. (trad.) (1949). *Sextus Empiricus. Against the Professors*. Cambridge, Harvard University Press.
- CASTAGNOLLI, L.; FAIT, P. (2023). Validity and Syllogism. In: CASTAGNOLLI, L.; FAIT, P. *The Cambridge Companion to Ancient Logic*. Oxford, Cambridge University Press.
- CHIARADONNA, R. (2014). Galen on what is persuasive ('pithanon') and what approximates to truth. *Bulletin of the Institute of Classical Studies*, Supplement, n. 114, p. 61-88.
- DE LACY, P. (2005). *Galen: the Doctrines of Hippocrates and Plato (De placitis Hippocratis et Platonis)*. Berlin, Akademie-Verlag.
- DINUCCI, A. (2014). *O Encheiridion de Epicteto*. Coimbra, Imprensa de Coimbra.
- DINUCCI, A. (2019). *As diatribes de Epicteto, Livro I*. Coimbra, Imprensa de Coimbra.
- DINUCCI, A.; DUARTE, V. et. al. (2016). *Introdução à lógica proposicional estoica*. São Cristóvão, EdiUFS.
- DINUCCI, A.; RUDOLPH, K. (2024). Os três tópicos da filosofia de Epicteto. *Nuntius Antiquus* 20, n. 1, p. 1-38.
- DINUCCI, A.; RUDOLPH, K. (2022). A persuasividade dos Asseríveis e dos Argumentos no Estoicismo Antigo. *Archai: Revista de Estudos Sobre as Origens Do Pensamento Ocidental*, n. 32, p. 1-31.
- GASKIN, R. (1995) *The Sea Battle and the Master Argument: Aristotle and Diodorus Cronus on the Metaphysics of the Future*. Berlin, De Gruyter.
- GOODWIN, W. (1874). *Plutarch's Morals. Translated from the Greek by several hands: corrected and revised*. Boston, Little, Brown, and Co.
- HICKS, R. D. (trad.) (1972). *Diogenes Laertius. Lives of Eminent Philosophers*. Cambridge, Harvard University Press.
- INWOOB, B. (1985). *Reason and Human Action in Early Stoicism*. Oxford, Oxford University Press.
- LESSES, G. (1998). Content, Cause and Stoic Impressions. *Phronesis* 43, n. 1, p. 2-24.

- LONG, A. A.; SEDLEY, D. (1987a). *Hellenistic Philosophers, vol. I*. Cambridge, Cambridge University Press.
- LONG, A. A.; SEDLEY, D. (1987b). *Hellenistic Philosophers, vol. II*. Cambridge, Cambridge University Press.
- LONG, A. A. (1978). Dialectic and the Stoic sage. In: RIST, J. M. (ed.). *The Stoics*. Berkeley, University of California Press.
- LONG, G. (ed.). (1890). *Epictetus, the Discourses of Epictetus with the Encheiridion and Fragments*. London, George Bell.
- Morison, B. Sextus Empiricus. (2019). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. (Fall 2019 Edition). Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/fall2019/entries/sextus-empiricus/>>.
- MURACHCO, H. (2001). *Língua Grega: visão semântica, lógica, orgânica e funcional*. São Paulo, Discurso Editorial/Editora Vozes.
- POMEROY, A. J. (ed.). (1999). *Arius Didymus, Epitome of Stoic ethics*. Atlanta, Society of Biblical Literature.
- RACKHAM, H. (ed.). (1914). *On Ends*. Cambridge, Harvard University Press.
- RACKHAM, H. (ed.). (1942). *Cicero, On the Orator: Book 3 On Fate. Stoic Paradoxes. Divisions of Oratory*. Cambridge, Harvard University Press.
- RACKHAM, H. (ed.). (1993). *Cicero, On the Nature of the Gods. Academics*. Cambridge, Harvard University Press.
- ROLFE, J. C. (ed.). (2002). *Aulus Gellius Attic Nights*. Cambridge, Harvard University Press.
- SEDLEY, D. (1997). Diodorus Cronus and Hellenistic philosophy. *Proceedings of the Cambridge Philological Society* 203, p. 74-120.
- SEDLEY, D. (1982). On signs. In: BARNES, J. et al. (eds.). *Science and Speculation: Studies in Hellenistic Theory and Practice*. Cambridge, Cambridge University Press.
- SEDLEY, D. (1984). The negated conjunction in Stoicism. *Elenchos* 5, p. 311-316.

SCHWEIGHAUSER. (1800). *Epictetege Philosophiae Monumenta*. Leipzig, Weidmann.

SHIELDS, C. (1993). The truth evaluability of stoic phantasiai: *Adversus Mathematicos VII*. *Journal of the History of Philosophy* 31, n. 3, p. 242-246.

STEWART, A. (ed.). (1887). *Seneca, On Benefits*. London, George Bell.

TIELEMAN, T. (1996). *Galen and Crisipo on the soul*. Leiden, Brill.

VON ARNIM, H. (2005). *Stoicorum Veterum Fragmenta*, vols. 1, 2, 3. Berlin, De Gruyter.

YONGE, C. D. (1993). *The works of Philo: Complete and Unabridged*. Peabody, Hendrickson Publishers.

Editora: Beatriz de Paoli

Submetido em 11/04/2024 e aprovado para publicação em 25/09/2025



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença Creative Commons Attribution, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado.

Gostaria de enviar um artigo para a Revista *Archai*? Acesse <http://www.scielo.br/archai> e conheça nossas *Diretrizes para Autores*.
